5.º ANO LISBOA—QUARTA-FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1925 N.º 1326

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 O.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

É DO seguinte teor a declaração ministerial que o sr. dr. Domingos Pereira leu hoje ao Parlamento:

Senhor Presidente:

O Governo que tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª e á Camara constituiu-se dentro de condições politicas e sociais cuja gravidade ninguem desconhece. Mas a propria dificuldade dessas circunstancias converteu a alta missão que me confiou S. Ex.ª o Sr. Presidente da Republica num daqueles deveres patrioticos e republicanos a que um homem publico não póde eximir-se sem se deminuir e desacreditar. Não esmoreci, por esse motivo, ante os obstaculos que se ergueram contra o desempenho da minha missão. O encargo era, certamente, pesado de mais para mim; mas o dever era imperioso tambem. Ao fim do meu esforço, que só a preocupação de servir a Patria e a Republica impunha, tive a felicidade de encontrar nos homens que me acompanham a mesma decidida disposição de tudo sacrificar ao cumprimento do dever.

A suprema orientação que vai nortear todos os actos do Governo emerge, como é natural, do estado em que se encontra, neste momento, a vida politica do Pais. Por consequencia, á sobre excitação das paixões, á conflagração das tendencias excessivamente combativas, oporemos uma serena actuação apaziguadora. Respeitaremos todas as justas reclamações e todos os legitimos direitos, fazendo da justiça a base da acção governativa, procurando estabelecer a acalmia necessaria á realização da mais instante aspiração nacional.

Nesta ordem de ideias, se o Governo vier a presidir ao funcionamento dos colegios eleitorais, ha-de garantir a maior liberdade ao exercicio da soberania da Nação. Dentro de uma Republica parlamentar e democratica, como a nossa, a eleição dos representantes do povo é um acto solene e decisivo. Perante ele, procederemos como republicanos que somos, empregando todos os meios para assegurar a genuinidade do sufragio, para permitir a todas as correntes de opinião a sua lidima expressão parlamentar.

Entretanto, procuraremos honrar o regime, tratando de pôr em pratica os criterios administrativos scientificamente melhores e moralmente mais perfeitos. A altura da sessão legislativa em que nos apresentamos ao Parlamento torna desnecessaria a habitual indicação de medidas governativas, dependentes, no gêral, de uma intensificação da actividade parlamentar dificil de obter agora, tanto por carencia de tempo como pelo excesso de fadiga resultante de um largo periodo de trabalho já decorrido. Não fazemos, portanto, a pormenorizada enunciação das questões a resolver e das soluções a adoptar.

Se assim não acontecesse, perfilhariamos as propostas apresentadas por Governos anteriores, como as reformas da Armada e da educação nacional e outras medidas pendentes do exame do Parlamento. Outrossim elaborariamos as propostas tendentes a aumentar a eficacia de outros serviços publicos, correspondendo á necessidade de promover o regresso dos varios orgãos do Estado á plenitude da sua acção de fomento e orientação e de os tornar aptos para a obra de reconstrução nacional a efectuar. Seja como fôr, não perderemos de vista, contudo, o objectivo maximo de atingir o equilibrio orçamental, suprindo as despezas adiaveis, aperfeiçoando a cobrança das receitas, procurando desenvolver a capacidade tributaria da nação.

Estão, deste modo, claramente definidos os objectivos e os processos a empregar pelo Governo. Pacificar na ordem politica; moralizar e melhorar na esfera administrativa; reconstruir, de acordo com a experiencia e por meios sicentificos, no campo economico como no social, eis, em sintêse, o que desejamos e pretenderemos realizar.

Estamos certos de que o patriotismo de todos e o ardente republicanismo da grande maioria da Camara nos auxiliarão sem nos protêger, nos fortalecerão sem deixarem de nos criticar, colaborando assim o Parlamento com o Governo na realização deste designio comum: — bem servir a Republica para honrar Portugal.

Sala das Sessões, 5 de Agosto de 1925.

O Presidente do Ministerio e Ministro do Interior, *Domingos Leite Pereira.*

AMNISTIA

Em poucos meses, deram-se dois movimentos militares e houve alguns estremecimentos, no silencio da noite, indicadores de tempestades que se formavam.

Quem se revoltou?

Oficiais e soldados que entenderam jogar a sua carreira, o brilho imaculado da sua farda, para que terminasse uma penosa situação politica em que os homens se gastam sem honra e o povo arrisca a sua fé e o seu pão.

Vencidos, recolheram aos carceres onde aguardam julgamento.

Devemos acrescentar que, entre esses portugueses, se encontram homens como Sinel de Cordes, Cabeçadas, Filomeno da Camara, Raul Esteves e capitão Baptista, que ninguem se atreverá a humilhar, apontando-lhes a derrota como afrontosa para o seu caracter.

Existe uma lei, por sinal severa, que se aplica ao seu delito, e não falta certamente um tribunal que se constituirá com a austeridade solene das justiças militares.

Resta-nos saber, porém, se o espirito de Portugal entrará na audiencia.

Quando os reus olharem para os juizes—isto não pode ser proíbido—quem sentirá uma duvida, uma inquietação, talvez uma tortura?

Responda a esta pergunta quem tenha a razão bastante desanuviada para raciocinar com clareza e a consciencia, isenta de temores, para não sofrer pesadelos.

Não hesitamos em confessá-lo sem rodeios — o julgamento dos oficiais implicados nos ultimos movimentos deve ser mais doloroso para os julgadores que para os julgados.

E' que aqueles não poderão deixar de pensar consigo:

—«Os verdadeiros criminosos não estão aqui: andam á solta e ao serviço da Patria que desgraçam!»

A politica que se vem fazendo em Portugal é umas vezes ruinosa, outras homicida.

Ha politicos honrados, trabalhadores e inteligentes, mas estes, quando avançam para as hordas, passam pelo desgosto de não serem obedecidos.

Vivemos numa crise, ao mesmo tempo material e moral, em que os venenos se transmitem por palavras e estas paralisam o pensamento e a sua liberdade.

Os discursos que a turba ouve, adormecendo-se ou irritando-se com eles, traduzem a sombra de cerebros sem idealismo.

No dia em que a eloquencia limpida, afectuosa e lusiada fôr a linguagem do Parlamento e das propagandas os tribunais militares cerrarão as suas portas.

Não haverá revoluções e o Exercito será a garantia inabalavel da nossa confiança.

Porque vivemos numa atmosfera de sobresaltos e suspeições?

Os regimentos não se revoltam por capricho, visto que são impelidos para a indisciplina por causas e motivos que não estão nos quarteis.

Disponham-se os politicos a regenerar-se, penitenciando-se das suas culpas e remetendo-se a uma percepção justa dos seus deveres, que não dependa dos mercados, e logo a tremenda agitação que os odios atiçam e os interesses espalham começará a acalmar.

De que vale vituperar e condenar os que se lançam na revolta, quebrando o respeito devido á legalidade... dos festins, se ficam de pé, a medrar e florir, os erros e as loucuras que os arrancaram á modestia timida do seu pré?

Continuando tudo na mesma, os tribunais militares terão muito que fazer, visto que a rebelião não terá fim, prolongando-se a serie dos pronunciamentos e das insurreições, até que o país, não tendo já cartuchos para queimar, resolva morrer de colera inutil.

Ha alguem que deseje esta solução?

Parece-nos, portanto, melhor que os politicos se deixem iluminar pela verdade, pondo ponto final nos seus desregramentos.

Quem conduz as tropas á Rotunda? Respondam os desapaixonados a esta pergunta, se porventura os culpados fingirem que a não entendem.

Não são os oficiais presos que reclamam que os amnistiem, pois que todos eles preferem defrontar-se com a justiça.

A prudencia politica e o sentimento das conveniencias aconselham o Parlamento a tomar o caso de sua conta, restituindo aos seus lares e aos seus galões os que, não podendo conter-se, clamaram, perante o país:

—«Aqui estamos pelas culpas alheias!»

PELA excepcional importancia do assunto, a seguir publicamos a entrevista que hoje realizámos com o sr. ministro da Marinha sobre a questão da foz do Guadiana:

—O ministerio da Marinha confirma a exactidão da nota oficiosa que forneceu á imprensa, não havendo até hoje um unico facto que de qualquer fórma desminta ou altere o que nela se contem.

—Não ha, portanto, nada a rectificar...

—Absolutamnte nada.

—Não é verdade que os galeões estivessem pescando em aguas espanholas?

—As informações que tenho, do proprio comandante da «Ibo», confirmam que os galeões pescavam em aguas portuguesas, na costa de Tavira, e foram apreendidos quando demandavam a barra do Guadiana. Ora o condominio do nosso paiz, na barra e no rio, é indiscutivel.

—O govêrno não tem feito qualquer «démarche»...

—Nem tem que fazer. O caso está pendente da reclamação diplomatica que se fez ao governo espanhol.

O caso já está suficientemente esclarecido pela imprensa, para que seja necessario repetir como os factos se passaram e como as regras de direito internacional foram violadas, pela fiscalização espanhola, de uma fórma atentatoria da soberania portuguesa e dos tratados que regulam o regime da pesca entre os dois paizes.

Mas sucede que o vice presidente do Directorio espanhol, em declarações feitas á imprensa, nega importancia ao incidente e afirma que os galeões portugueses foram aprisionados — por pescarem em aguas territoiais espanholas.

Em face desta estranha declaração, que contraria absolutamente as informações oficiais que o ministerio da Marinha tem sobre este incidente, temos o direito de supôr que o Directorio foi iludido na sua boa fé pelo comandante da canhoneira «Vasco Nunes», ou por pessoas que pretendem embrulhar o caso—para pescar depois nas aguas turvas.

O telegrama que a Havas distribuiu confirma a nossa suspeita:

MADRID, 4.

O vice-almirante Magaz declarou que as informações oficiais, relativas ao incidente hispano-português na foz do rio Guadiana, confirmam as declarações que fez ontem, isto é, trata-se apenas de uma infracção do regulamento espanhol da pesca, porquanto os dois pescadores portugueses penetraram nas aguas espanholas para pescarem nelas. O comandante da canhoneira espanhola fez-lhes ver a infracção que estavam cometendo e prendeu-os. A questão será julgada pelo tribunal maritimo correspondente, com a presença do consul português.

* * *

A ATESTAR os patrioticos intuitos do novo governo, ha já um facto que merece registar-se com aplausos. Havia que mandar delegados portugueses a Varsovia e Santander, três para um lado e cinco para o outro. Eram umas centenas de contos que saiam neste momento dos desfalcados cofres do Estado, dinheiro que, falta fazendo, não trazia aquelas compensações, nem morais nem materiais, que seriam de exigir em contrapartida.

Não hesitou um momento o governo a que preside o sr. dr. Domingos Pereira e resolveu esta coisa simples—nem a Varsovia nem a Santander iriam desta feita delegados portugueses.

* * *

A' HORA de fecharmos o nosso jornal, chega-nos a noticia de que foi visto na quinta do Pisão, perto de Cintra, o lobo que ha dias vem alarmando aquele concelho.

A quinta está sendo batida por caçadores.

De Vizela

O doutor Abilio Torres

Ha 32 anos que frequento Vizela, onde dou anualmente os 20 dias do estilo, ao tratamento termal que os drs. Refoios e Daniel de Matos me prescreveram com a indicação de que o deveria fazer emquanto tivesse dedos, mesmo que os aneis já não existissem.

E tenho cumprido religiosamente o preceituado.

Fui hospede do velho Hotel do Padre, e ha vinte e muitos anos, a pedido do bom amigo Juca, o rei dos hoteleiros, que o destino roubou cedo ás canceiras da vida, mudei-me para o «Cruzeiro do Sul» onde até este ano passei a temporada, sem razão de queixa.

Foi necessario que um novo hoteleiro, sucessor por afinidade do Juca e da santa criatura que dele foi esposa, tomasse a gereneia do *seu* hotel, para que surgisse a exploração ambiciosa de que eu e outros fomos este ano vitimas.

Respondendo ás reclamações dos hospedes que «não admitia comparações entre o seu hotel e os outros, e que a ninguem pedia para ser seu hospede, sendo o hotel seu e a rua dos hospedes», teve a rara habilidade de se incompatibilisar com hospedes dos mais antigos do hotel, que pagaram as contas exorbitantes apresentadas, mas bufaram, fazendo figas ao hoteleiro megalomano que deve dar com o hotel em pantanas. E pode que não... porque os tempos estão muito mudados...

E, adiante.

Vizela é uma das estancias termais mais bonitas do norte. Tenho-a visto prosperar de ano para ano, e fui testemunha do quanto deve ao extinto dr. Abilio Torres, o medico hidrologista distinto, o regionalista impenitente, o conversador emerito que á sua Vizela dedicou o melhor da sua vida e da sua actividade.

Sob a frondosidade das arvores do lindo parque que ele criou, muitas vezes apreciei o interessante da sua conversa, interrompida sempre pela analise cuidadosa das arvores que ele vira plantar, e que conhecia como filhas, sabendo-lhes a idade, os nomes e as propriedades.

Todos os dias se via o dr. Abilio no estabelecimento termal, que só foi concluido depois da sua morte, mas cumprindo-se o plano por ele estabelecido, inquirindo dum e doutro o resultado do tratamento, interessando-se por tudo, atendendo as reclamações, assistindo, por vezes, aos tratamentos, quando queixas havia, num amor e num carinho pela sua obra que chegava a enternecer.

Muito lhe deve Vizela, e o seu nome é ali respeitado e querido.

Este ano os seus patricios, num movimento simpatico de gratidão, fizeram erigir sobre um pedestal, em face do estabelecimento termal, um busto em marmore do saudoso extinto, com uma inauguração festiva consagrada á sua grata memoria.

E lá está o busto do dr. Abilio Torres, que, se não se póde chamar uma obra de arte, ao menos representa algo de raro neste país onde o esquecimento é norma de vida, onde a ingratidão campeia, onde o merecimento é uma utopia.

Quando vi o busto daquele que considerei um amigo, não pude reter uma lagrima teimosa que me borbulhou dos olhos, lagrima de saudade de tempos idos, lagrima representativa da minha mocidade que por ali decorreu, por aquelas paragens, lagrima dum coração, duma alma, que sente a inclinação da estrada escorregadia que começou descendo, perdidas as ilusões e as fantasias que a idade desfaz como nuvens de fumo do cigarro que fumamos.

Que, apesar disso, ainda tenho esperanças e desejos de dar mais outros tantos anos aos já dados áquela estancia termal, onde, pelo menos, tenho o prazer espiritual de nem jornais querer ler, para não saber de desgraças.

Amador Valente

CARTAZ

TEATROS

Trindade=A's 20,45 e 22,45=«Ditosa Patria».
Politeama=A's 21,30=«O Leão da Estrela».
Eden=A's 21,30=«A cidade onde a gente se aborrece».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Kataplana».
Coliseu dos Recreios=A's 9=Torneio de luta e variedades.
Salão Foz=A's 20-45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça de Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Peria=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão-Recio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortosa=Campo de Quartas, quintas, sabados e domingos.

TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Portugal

é um paiz ENTREVADO

por deficiencias de viação

O enriquecimento dum pais obtem-se pela associação inteligente do capital e do trabalho aplicado, segundo as directrizes da sciencia e da tecnica modernas, ao problema da produção. O nosso problema—diz-se frequentemente—é um problema de produção. Assim é, de facto. Mas de nada serve a mercadoria agricola acumulada no celeiro da herdade e o minerio arrancado ás entranhas da terra e trazido á superficie se não houver estradas por onde transitem os veículos até ás estações, se não houver caminhos de ferro que levem os produtos aos grandes centros distribuidores, se não houver postos que recebam os navios. Ainda havendo tudo isto em estadio insuficiente ou anormalisado a mercadoria torna-se de tal maneira cara que constitue um verdadeiro embaraço ao desenvolvimento da produção. Ha centenas de hectares de terra inexplorados, ha jazigos de minerios valiosos onde não reina a actividade precisamente porque essas regiões não são servidas por estradas e caminhos de ferro.

Sim, a produção vale segundo o consumo, que o mesmo é dizer, a oferta da mercadoria nada importa, se dela não houver procura. São mesmo as necessidades do consumo que determinam a produção. No principio do desenvolvimento industrial moderno a produção conduzia-se anarquicamente sem o conhecimento previo das condições dos mercados. Daí resultava as crises de super produção, a paragem brusca do trabalho com o encerramento das fabricas e o despedimento em massa dos operarios, a deterioriasação da mercadoria, a falencia das emprezas e todos os males consequentes. Hoje, com o aperfeiçoamento e desenvolvimento dos serviços de transportes e comunicações, raras vezes se dão essas crises e quando se dão não têm já o caracter grave, profundo e extenso, que tinham nos meados do seculo passado. Sabemos hoje, com uma grande precisão, quais as mercadorias de que necessitam os mercados do Egito e do Japão, do mesmo modo que sabemos os produtos que abundam na Australia ou no Canadá.

Centenares de vapores percorrem os oceanos em todas as direcções e em poucos dias, a mercadoria se transporta dum henisferio a outro. Não ha duvida, separa-nos um abismo da Idade Media em que sucedia correntemente dominar a fome numa dada —região do globo enquanto que noutra a mercadoria se inutilisava por exceder o consumo local.

Não ha produção sem consumo. Para que o consumo se realize normalmente é indispensavel ter um bom aparelho de distribuição—estradas ou rios manejaveis, caminhos de ferro, portas apetrechadas, marinha mercante e fluvial e até uma boa rêde telegrafica que ponha consumidores e produtores ao corrente das necessidades de consumo nos mercados e da existencia dos «stocks» nas fabricas e armazens. O problema da distribuicão é, pois, duma importancia primordial. As rêdes de estradas, os caminhos de ferro. os canais navegaveis são, em relação a um país dado, o mesmo que as veias no corpo humano. Se neste uma arteria não fenciona bem, todo o sistema sofre, dificultando a circulação e impondo a paralisia.

Tudo isto é elementar e já foi ditâ dezenas de vezes pela conselheiro Acacio com solene entoação e atitudes comedidas. Mas nunca é demais lançar um olhar pela nossa casa, vêr o seu desarrumo, avaliar o seu recheio, inventariar os valores existentes, verificar o que nos falta e vêr como e quando poderemos resolver os problemas cuja existencia o exame nos denunciou. Ora, sob o ponto de vista dos tranaportes e comunicações, a nossa situação é duma deficiencia lamentavel, impeditiva de estimular a produção, antes pelo contrario, paralizando-a, intorpecendo-a.

Quasi não ha estradas ou, melhor, as existentes estão por assim dizer intransitaveis. E' bastante reduzida ainda a nossa rêde ferroviario. Não temos senão 3,7 quilometros de linhas ferreas por 100 quilometros quadrados de superficie. A Belgica tem 27, a Dinamarca tem 17, a Holanda, toda sulcada de canais, tem ainda assim 9 quilometros de vias ferreas por 100 quilometros quadrados. E' o nosso país largamente importador em alimenticio e materias primas para as industrias. Pois bem: apenas 14 o|o das mercadorias importadas são trazidas aos portos por navios portugueses.

Tudo nos falta, a tudo urge dar remedio, pois que as nações que não lutam em concorrencia industrial e comercial com as outras, sufocam, esmagando as populações, propelindo ás desordens internas.

O «Diario de Lisboa» pondo em luz os problemas nacionais mais urgicos e importantes tem bem modestos intuitos: interessar a opinião publica na sua solução, levá-la como que a exercer uma pressão nos governos e no Parlamento para que realizem uma obra util.

CINEMA CONDES

HOJE

Estreia do mais original film comico

O casamento do moleque

Nova produção genial do grande animador russo

L. STAREVITCH

o artista insigne de

A voz do rouxinol
As rãs pedem um rei
A teia de aranha

que se supera a si proprio em

O casamento do moleque

"BAL-TABARIN"

O EXTRAORDINARIO SUCESSO DE ESTRELA CASTRO

Noite de autentica festa, como aliás era de prever—a de ontem no «Bal-Tabarin», o confortavel «cabaret» da rua da Gloria. Estrela Castro, «coupletista» encantadora, que prorrogou o seu contracto, acquiescendo assim ás instantes solicitações dos seus admiradores, exibe um novo e variado repertorio, do mais artistico e sugestivo que nos ultimos tempos tem sido apreciado pelo publico lisboeta. Sucede ainda que a gentilissima artista tem atraido ao «Bal-Tabarin» grande numero dos seus compatriotas residentes em Lisboa, e que, com inteira justiça, a aplaudem entusiasticamente.

No elegante «cabaret», onde se realizarão, em breve, novas estreias de raro brilhantismo, constituindo um surpreendente programa de variedades, continua havendo serviço de «restaurant» durante toda a noite, a preços modicos.

O baile, a que concorre a mocidade que deseja e sabe divertir-se, prolonga-se até ao romper da madrugada, decorrendo sempre com extraordinaria animação.

Não ha velho nem garçon
Que não goste do BEM-BOM.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Olivã, D. Maria Eugenia de Mendia de Lancastre, D. Elvira da Silveira de Oliveira Pedroso Coutinho, D. Julieta Maury da Costa de Sousa de Macedo, D. Maria do Carmo Alves de Carvalho, D. Maria Povoas Tomaz de Magalhães, D. Maria Eugenia Saturio Pires, D. Maria José Rollin Geraldes Barba e D. Maria Izabel de Freitas Branco.

E os srs.:

Conde de Castelo Mendo, D. Francisco Paulo de Macedo Portugal e Castro, dr. Emilio Infante da Camara, José Libanio Ribeiro da Silva, Bento de Mendonça Falcão do Amaral, José Marques de Freitas e Julio da Gama Lobo Caycia.

—Faz hoje anos a sra. D. Lilia Guerra Afonso Moreais de Souza.

Veraneios elegantes

VIDAGO, 28 de Julho.—Meu presado amigo—Acabo de chegar de Viana do Castelo e apresso-me a cumprir que lhe prometi, quando estive em Lisboa, de dar noticias desta aprazivel terma, cujas aguas tem o condão de me fazer um bem extraordinario aos meus padecimentos do estomago.

O «Palace» oferece este ano, a novidade de dar três refeições incluidas na diaria, e de as mesmas serem mais convidativas que nos anos anteriores, o que decerto atrairá aqui maior concorrencia e ainda o de «rolement» com o «Avelames» das Pedras Salgadas, como é de uso entre a Curia e Bussaco, visto que os concessionarios dos dois hoteis, são os mesmos tendo para isso umas elegantes «camionetes» que fazem esse serviço diariamente.

Para inauguração da epoca, está anunciado para ámanhã, um grandioso sarau musical pelo eximio sexteto seguido de baile, esperando-se uma enorme concorrencia, visto o interesse que reina entre a colonia balnear, de aqui e das Pedras Salgadas, que é já no principio da epoca numerosissima.

Alem da festa de inicio da temporada estão em preparação uma ceia americana e um «pic nic» na margem do lindissimo rio Tamega, devendo estas, realizarem-se durante a primeira quinsena do proximo mês.

Entre os hospedes que actualmente estão no Palace notam-se:

D. Raquel da Mota Morques de Carvalho Bandeira, viscondessa dos Olivais, dr. Morais Sarmento e esposa, D. Leonor e D. Helena Talone da Costa e Silva (Almarjão), Alfredo Augusto de Mendonça, Vitor Bastos Wagner, D. Ema Fasio, Eduardo Pinto Leite (Oliveira), Carlos Blak, esposa e filho, dr. Luis da Veiga Otolini, Pompeio Meireles Gerrido, capitão de fragata Cesar Batalha, esposa e filha, capitão Cunha Oliveira, Barros e Sá e esposa, Antonio Nicolau de Almeida, esposa e filha, condes de Carvalhal, D. Maria José de Albuquerque, D. Inês Guedes, D. Elvira Marques da Costa, Pinto da Fonseca, D. Candida da Silva Machado, Antonio Ferreira Lima, engenheiro Artur Casa Nova, D. Margarida Correia e filha, Augusto Mendes Couto, D. José Mancissidor Alfredo da Silva Viana, Augusto de Albuquerque, José Ribeiro dos Santos, João da Cruz David e Silva, João Luis da Veiga, Marcelino Fortunato, Correia da Costa e esposa, madame Viegas, Belmiro Ramos e familia, etc.

São esperados de entre de alguns dias dr. Antonio Cabral, D. Maria Isabel Perestrelo de Orey Correia de Sampaio (Castelo Novo) e filha, dr. José Paulo de Mendonça Amaral, dr. Joaquim Cabral e esposa, João de Figueiredo Cabral Mascarenhas, D. Maria do Patrocinio de Almeida, dr. Albano Guedes, D. Maria Teresa Ornelas, D. Sofia Barreto Rosa, João de Sousa Barbosa, João de Melo, Antonio de Bianchi, Manuel Guedes, Teixeira Barbosa, Francisco Le Goullen e J. Olaia.

Até breve, o seu amigo e obrigado, cumpridor da sua palavra que se assina—Jorge.

Pontos de reunião

No Trindade

E' ámanhã a primeira recita da moda dedicada á nossa sociedade elegante, em que se representa por sessões a espirituosa revista «Ditosa Patria» que com os seus numeros de exito garantido, continuará a sua carreira triunfal, atraindo a esse teatro todas as noites uma selecta concorrencia que se não cansa de aplaudir todos os interpretes. Para a noite de ámanhã, segundo nos informam, estão feitas numerosas combinações para a segunda sessão.

Exame

Terminou no Conservatorio de Lisboa, o curso complementar de piano, sobre a presidencia do sr. Alexandre Rey Colaço, a menina Maria Alice Vilalobos Ferros, discipula da distinta professora sra. D. Aida da Silveira Medeiros e filha do sr. Adelino Coimbra Ferros e de D. Virginia Vilalobos Ferros.

Em viagem

Os srs. condes de Aurora regressaram do Hotel Avelames, nas Pedras Salgadas, á sua casa em Ponte de Lima.

—Para a sua casa em Vila do Conde, onde já se encontram sua esposa, gentis filhas e filhos, partiu o sr. dr. José Cardoso de Meneses (Margaride).

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, partiu da sua casa de Caxias, para Nauheim, Alemanha, o sr. dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco.

—Do Bom Jesus do Monte, em Braga, partiu para as Pedras Salgadas, o sr. Manuel José Sarrea Brak Lamy.

—Encontra-se com sua familia, no Palace de Vidago, o sr. dr. Luis Ottolini.

—De visita a seu irmão, o distinto engenheiro sr. José Botelho de Azevedo Castelo Branco, encontra-se em Lisboa, vindo de França, o sr. dr. Camilo de Azevedo Castelo Branco.

—Com sua esposa a sr.ª D. Margarida Borges de Almeida Rebelo, partiu para Entre os-Rios, donde seguirá para as Pedras Salgadas, o major sr. Fernando Rebelo.

Almoços-Concerto
das 12 ás 14 horas

Os melhores de Lisboa

CHIC

Praça Restauradores, 20—Telef. N. 3361

ESPIRITA

Tudo consegue rapido. Pagamento no fim. Trata com seriedade. Consultas a 10 escudos. Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

NOVIDADES LITERARIAS

«As criminosas do Chiado»

é o titulo do novo livro

de João Ameal e Luiz d'Oliveira Guimarães

A mulher que acabava de entrar era loura, de um louro dôce, divino. Tinha uma pele côr de rosa, uns olhos azues onde havia uma larga e clara ingenuidade — e umas pequeninas mãos infantis, que bateram, impacientemente, sobre a mesa, como leves martelos de marfim, entre os quais só havia uma pupila verde palida: a esmeralda de um anel.

Alexandre fixou-a com interesse. Ha muito tempo que não encontrava, em plena cidade neurastenica e tôrva, uma figura assim — com aquela candura, aquela primavera e aquela finura frageil. Nunca a tinha visto. Acabava de assistir á sua entrada, natural, serena, o menos espalhafatosa possivel — e logo se interessára por ela, fascinado sem querer, preso repentinamente áquele encanto desconhecido.

Eram cinco e meia. A hora concorrida do Chiado — a hora em que a Baixa, no anoitecer rapido de inverno, se tornava uma quermesse movimentada, estridente, cheia de buzinas de automoveis, ondas coloridas de mulheres e fortes clarões dourados que saiam, violentamente, das montras espectaculosas. As casas de chá atraiam os grupos elegantes. Em volta das mesas de marmore, desfilava o eterno carnaval dos «snobismos», a teoria frivola dos «flirts», a bizarria luxuosa dos vestuarios femininos. Junto das livrarias, alguns literatos compenetrados discutiam casos intelectuais. Em frente da «Brasileira» — observatorio do Chiado — passava a vida inteira da cidade, politica e escandalo, miséria e gloria, calunia e esperança. A' entrada da «Garrett», dois automoveis parados luziam. Mais para baixo, havia alguns rapazes magros e cintados á porta da «Benard», falando de cavalos, de bailes e de ceias. E, finalmente, fronteira á Bertrand, onde só dois ou três curiosos folheavam livros — abria-se, vasta, a «Marques», com alguns sujeitos de côco á entrada, de luvas escuras e polainas claras, representando com dignidade a pompa neurastenica do «Tauromaquico» ou a hegemonia esgrimista do «Gremio»...

Era justamente na «Marques» que o Alexandre se tinha instalado desde as cinco e como todos os portugueses falhá-perando a chegada do Eduardo Amaral, o grande amigo, o confidente inseparavel. Mas o Eduardo prometera vir ás cinco e como todos os portugueses falhára lamentavelmente á hora marcada. E o Alexandre, farto de esperar — sabem lá o que é a eternidade de um quarto de hora, numa pastelaria, diante de uma chavena esgotada! — quasi se resolvera a retirar, quando aquela mulher entrara. E desde que ela entrara, apesar de passarem as cinco e meia, as seis menos um quarto, as seis, o Alexandre estava ali, fixo, atento — olhando o ar honesto, facil e discreto, com que ela tomava o seu chá, mordia levemente os bombons que pedira, e perdia a vista por toda aquela gente que circulava, numa indiferença perfeita.

Quem poderia ser? O tipo era de inglesa, absolutamente, categoricamente inglesa, agil, acriançada e séria. Mas, quando o criado viera, a voz dela, grave, pausada, tinha falado num português tão claramente português!

O Alexandre tivera sempre uma tendencia vibrante para o misterio. Fôsse como fôsse, estivesse onde estivesse, pequeno ou grande, pueril ou intenso — corria atrás do misterio, apaixonadamente, abrasado em ansiedade e em força intima. Tinha vinte e cinco anos, nunca se interessára pela ideia do descansar na calmaria burguesa do lar definitivo. Aventuras, algumas, de vez em quando — para saborear todos os frutos da vida. Desde muito novo, dezasseis anos, estivera em Inglaterra com o pai, diplomata milionario, que morrera em Londres por uma madrugada humida. O Alexandre, que perdera a mãe á nascença, e era o unico filho, ficára, aos vinte anos, riquissimo, independente, isolado. Três condições para formar a sua individualidade de homem energico, viril, fleugmatico, inteligente.

Saciou-se depressa da vida civilizada, aparatosa, vertiginosa. Esgotou todas as taças que a mocidade lhe oferecia, uma por uma. E, por fim, na sua indole fria e na sua imaginação poderosa, definiu-se aquele vicio e aquela vocação; analisar, descobrir, aprofundar enigmas. Varias vezes, em Londres, seguiu processos celebres, aventuras notaveis de «detectives» — todos os enredos onde encontrava emoções ignoradas, a garra do crime, a sedução funda do desconhecido, a alegria moral das descobertas dificeis e o frémito violento dos perigos e das surprezas. Mas nunca fôra envolvido num caso novelesco ou numa historia estranha. Ficára sempre espectador, seguindo os jornais, tirando, sósinho, deduções, que muitas vezes previam miraculosamente o desenlace dos dramas... E, agora, o seu grande apetite era encontrar-se dentro de uma intriga, poder sentir nas suas mãos os fios complexos do inverosimil... Viera a Lisboa vender umas propriedades, liquidar definitivamente a fortuna, para depois caminhar, pela Europa fóra, á busca do imprevisto... E em Lisboa passava horas inacabaveis de tédio entre uma vida monotona, repetida, enervante de banalidade e decadencia.

* * *

Por fim, o Eduardo chegou. Era o tipo de lisboeta, esguio, elegante, macilento — acima de tudo, neurastenico. Conhecia o Alexandre desde os oito anos—era de uma familia amiga do pai — e acompanhava-o em Lisboa, nos dois meses efemeros da sua estada, encantado por encontrar um rapaz culto, cosmopolita, diferente dos outros, uma variante preciosa na galeria triste dos efebos do Chiado.

O Eduardo vinha radiante. Trazia um jornal na mão e declarou alegremente:

—Até que emfim! Descobri um misterio para tu decifrares! Queres ver? E' o caso daquela mulher que se suicidou ontem á noite, no Rocio, pelas três da madrugada...

O Eduardo — é claro — conhecia bem a vida do Alexandre e o seu interesse por qualquer sensação onde passasse a bruma inedita de uma tragedia secreta...

—Queres ver? Parece-me muito esquisito, muito extraordinario. Ha, sobretudo, aqui, uma contradição...

Desdobrára o jornal e com o dedo apontava uma passagem do artigo. Alexandre curvou-se: entrevia a possibilidade de se entreter, nos seus dois meses de forçada demora em Lisboa. Mas não podia — embora a curiosidade o chamasse vivamente para as duas colunas de prosa cerrada — não podia deixar de fixar a mulher loura que, ao lado, na mesa seguinte, embora sem desviar a vista para eles, dir-se-ia que se interessára repentinamente, escutando o que diziam...

—Você por aqui, Alexandre! Dê cá um abraço! Estava tão longe de o encontrar!

Alexandre voltou-se. Tinha entrado o Celestino Lemos, o banqueiro, que algumas vezes encontrára em Londres, onde ia tratar dos negocios esplendidos da sua casa de exportações. Levantou-se, contrariado pela interrupção:

—E' verdade, estou aqui ha uma semana. Demoro-me até Fevereiro.

O banqueiro quiz saber pormenores, impressões, noticias. Felizmente, a certa altura, recordou-se:

—E' verdade! Tenho que me despedir. Mas não podemos ficar assim: ha de ir jantar comigo um dia destes, para conversarmos á vontade. Eu mesmo tenho que lhe propôr umas coisas...

Tirou o relogio de ouro macisso, enorme:

—Logo hoje, que massada! Tenho fatalmente que ir ali acima antes das sete! Minha mulher faz anos um destes dias. Dei-lhe um colar de pérolas ha tempos. Mas imagine, ontem á noite quebrou-se o fecho. Felizmente, viu a tempo e não caiu nenhuma perola. E, como damos uma festa agora, no dia dos anos dela, ela quere pôr o colar sem falta, e eu vou levá-lo ao Leitão, pedir-lhe um arranjo rapido... Quere vêr o colar? E' bonito, sabe?

Abriu a peliça imponente e tirou um estojo de veludo azul. Dentro havia uma longa serpente de perolas magnificas, que fosforeciam, estranhamente, no escuro.

—E' uma maravilha! — exclamou Eduardo.

Mas Celestino Lemos, apressado, meteu o estojo oval no bolso da peliça, com um exibicionismo orgulhoso, e apertou as mãos de Alexandre.

—Bem. Se não vou já, fecham. Até quando?

—Tenho os dias bastante tomados. Logo que possa, telefono-lhe.

O banqueiro saiu em passos velozes, amedrontado pelas horas. Mas á porta da «Marques», um homem alto, correcto, a barba loura a enquadrar um tipo de sabio moço, oculos amarelos sobre os olhos cançados, aproximou-se:

—Dava-me licença?

Estendia um cigarro, pedia lume. Celestino Lemos, impaciente, ofereceu-lhe o «Abdula», aceso. Mas nesse momento alguem que entrava de rompante, chocou com o homem da barba loura que deixou cair o cigarro do banqueiro. Contrariadissimo, o homem desfez-se em desculpas:

—Perdôe-me V. Ex.ª! Que contrariedade! Mas vai-me dar o prazer de aceitar um cigarro dos meus. Por acaso, são iguais...

Abriu uma cigarreira de prata fosca, comprida.

—Mas só tem um cigarro! — protestou o banqueiro.

—Isso não tem nada! — insistiu o outro.

Celestino Lemos, impaciente, aceitou, acendeu o cigarro á pressa, acendeu tambem o do sujeito de oculos amarelos — e por fim, liberto, lançou-se no Chiado, quasi a correr. Atrás dele, o homem da barba loura saiu tambem, numa velocidade inesperada, acompanhando a marcha do banqueiro...

Entretanto, Eduardo declarava:

—Ora ainda bem que o Celestino nos deixou em paz! Que massada!

E voltava ao jornal desdobrado:

—Então? lês ou não lês o artigo?

O Alexandre não respondeu. Continuava a fitar a mulher loura, que, repentinamente enervada, se levantara e se dirigia para a porta.

—Traz o jornal. Anda depressa!

Eduardo não compeendeu. O Alexandre, subitamente, levantou-se, e, em meia duzia de passos, estava no Chiado. Ainda pôde ver a mulher loura entrar para um automovel, onde a esprava uma senhora forte, de cabelos brancos, e o automovel largar para cima, ligeiro. Alexandre seguiu-o com os olhos. Reparou que parára de novo ao cimo do Chiado. Chamou o Eduardo e ambos galgaram, num momento, até o largo das Duas Igrejas. A' esquina da Havaneza havia um ajuntamento. O Celestino Lemos estava encostado á parede, palido, sem sentidos, amparado pelo sujeito de barba loura. Quando o Alexandre, afastando as pessoas paradas, perguntou o que acontecera, o sujeito explicou:

—Vinha a par com este senhor. De repente vi o cambalear como se tivesse uma vertigem, e cair desamparado, aqui mesmo. Corri para ele, levantei-o. Conhecem-no?

—Muito bem — disse Eduardo.

—Nesse caso, se me dão licença, retiro-me. Tenho ali duas senhoras á minha espera — e creio que já não sou preciso... Boa noite!

O Alexandre ia dizer alguma coisa. Mas o sujeito de barba loura, impassivel, afastou-se. Voltou-se então para o banqueiro, que continuava sem acordo. Abriu lhe o sobretudo, para escutar o coração. Mas, subitamente, teve uma ideia. Rebuscou nos bolsos. Tinha desaparecido o estojo de veludo azul!

Olhou á volta. Ainda viu o homem da barba loura entrar sossegadamente para um automovel parado — o mesmo automovel onde estava a mulher que o interessara toda a tarde! — e desaparecer, lentamente, para os lados da Estrela.

Nesse instante sentiu que alguem lhe metia no bolso um papel dobrado. Quiz ver quem era. Mas o grupo era tão denso que se tornava impossivel! Desorientado, entregou a Eduardo o corpo inerte do banqueiro, correu para debaixo de um arco voltaico e desdobrou a pequena folha branca. Era apenas, simplesmente, ao centro, o numero de um telefone:

NORTE 7296

Espartilhos e Cintas

MODELOS DE GRANDE NOVIDADE E ALTA FANTASIA

LINDAS CINTAS DE MALHA ELASTICA (TRICOT)

Cintas medicinais

Receitadas pelos Excelentissimos Clinicos

MEDIDAS TIRADAS NOS HOSPITAIS E CASAS DE SAUDE : : : : : : : : :

A marca da elegancia

A POMPADOUR

28, CHIADO, 30—Tel. C. 210

Já não tomo chá Hysson, Troquei tudo por BEM-BOM.

Manteiga finissima marca sem rival

Recebida directamente, em latas de 1, 1/2 e 5 quilos. Grandes descontos aos revendedores. A. de Brito, Lt.ª Praça dos Restauradores, 13, 3.º, porta 87. Telefone N. 3300.

PALACETE NO ESTORIL

«El Ventanal» vende-se

No melhor local do Estoril, a mais linda vivenda, situação privilegiada, a dois minutos da estação, junto ao Parque, com jardim e todas as comodidades modernas.

Preço 250 contos

Para tratar, dirigir-se ao «Ventanal»—Estoril. Pode ser visitado todas as tardes, das 3 ás 8.

CIMENTO «AUDAZ» e «TENAZ»

Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade

UNICOS DEPOSITARIOS:

MELLO DA SILVA & SEQUEIRA, LIMITADA

Rua Nova do Almada, 24-2.º D.

LISBOA

Telefone C. 527 Telegramas Mellosequeira

Raul Pereira & C.ª L.da

JOALHEIROS

LISBOA PORTO

R. DO CARMO, 87-B

Exposição permanente de joias, pratas e filigranas portuguesas

Desinfectantes PEARSON
(CREOLINA E PACO-CREOLINA)
Marcas registadas
Usados nos Hospitais, Exercito, Instituto de Veterinaria, Assistencia aos Tuberculosos, Carris de Ferro de Lisboa, etc.

A Cidade

Dr. Albino Pacheco
Regressado do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 ás 3 horas —— Telef. Central-535
Residencia Telefone C.-2577

Chá das cinco

Igual destino...

Perto da Rotunda, numa quinta que ficou historica no 5 de outubro, porque ali estiveram as tropas do comendante Paiva Couceiro, nasceram um dia duas oliveiras irmãs. Separava-as menos de meio metro. Foram crescendo as duas a par, sempre como irmãs, sofrendo juntas o calor forte do estio, a chuva impertinente, a ventania brava.

As suas ramas dançavam, certas, cadenciadas—e as duas arvores eram como um par de bailarinas—um par que nunca se cansava de bailar...

Juntas, assistiram a muitas tempestades, a muitas revoluções. Viram brilhar o sol da vitoria em 5 de dezembro, escutaram as pragas dos vencidos em 18 de abril...

Uma noite—ha seis meses—um trabalhador—um destes desgraçados que mourejam todo o dia, sem nunca passarem da cêpa torta, sem um raio de felicidade a iluminar-lhes a vida—enforcou-se nos braços de uma delas. Os seus ramos vergaram ao peso daquele corpo balouçante—e as folhas ficaram a murmurar baixinho, doloridamente, a sua angustia...

Nunca mais houve alegria naquele par de oliveiras, que o destino juntou. E noutra noite—seis meses depois—um irmão do enforcado, levado pelo desespero, e atraido por aqueles braços balouçantes, pendurou-se na outra oliveira, que, de triste, se curvou, aceitando a fatalidade do seu destino.

Todas as pessoas que viram o bailado daquele corpo se horrorisaram. E foi tão grande a impressão causada por esta dupla tragedia, que o dono da quinta, supersticioso, e anciando por tirar o azar áquele pedaço de terra, resolveu cortar o mal—e as oliveiras—pela raiz...

Felix Correia

Nacional Economica L.da

Para os devidos efeitos se anuncia que por escritura desta data, foi dissolvida esta sociedade, ficando todo o activo e passivo a cargo exclusivo do ex-socio José Faria Velez.

Lisboa, 5 de agosto de 1925.

O Notario,

Pedro Augusto Santos Gomes

Ao Comercio

José Isaac de Esaguy, que tambem usa assinar José de Esaguy, declara solenemente e faz publico que, conforme escritura publica, feita hoje no notario desta cidade, o Ex.mo Sr. Dr. Pedro dos Santos Gomes que foi dissolvida a firma Nacional Economica, Ltd., tendo ficado todo o passivo e activo da mesma, exclusivamente, a cargo do Ex.mo Sr José de Faria Velez.

Em consequencia, cessou toda a sua responsabilidade.

Lisboa, 5 de agosto de 1925.

José de Esaguy

(Segue reconhecimento)

No Maxim's

E' amanhã que se realisa no Maxim's mais uma festa oferecida aos socios deste Club.

Haverá estreia de numeros de variedades.

TALENTO AO DESBARATO

Invento

dum portuguez QUE SE PROPÕE meter tudo nos eixos...

Cá temos nós outro. Chama-se Augusto, seja o reformador e enriquecedor da nada pia, e Ferreira Simões, de seus a pelidos, ção, é uma Constituição nova que acabe de conforme os dizeres da apresentação por elevez com as revoluções.

mesmo feita ha bocadinho.

—O senhor é jornalista?

—Assim, assim...

—Pois eu sou inventor.

—Por grosso ou a retalho?

Indignou-se. Fez um olhar de furia; virou-se, inquieto, na cadeira, que rangeu sob a violencia do hospede, e exclamou em ar de protesto:

—E' a tal coisa! Ninguem me toma a serio. E no entanto, só tenho em mira o bem estar do futuro do povo português. Irra! Não me contrariem!

Lembrámo-nos de que, realmente, não era de bom aviso contrariar, e o Augusto, já um tanto ou quanto serenado, acrescentou:

—Venho do estrangeiro por onde andei 20 mezes.

—Encomendado?

—Não, senhor; vim por mim mesmo. Estive em 8 nações da Europa a fim de conhecer de perto o viver dessas gentes.

—Quere, então, alguma passagem para a terra?

—Nada disso! O caso é outro. Não vê o senhor que eu concebi...

—E quere dar á luz qualquer coisa.

—Tal qual. Concebi diversos planos de legislações, baseados sobre outra Constituição que inventei e que jámais houve em todo o universo, desde os tempos prehistoricos da existencia do animal humano.

—Vem de Paris ..

—Tambem lá estive, tambem lá estive. —Por sinal que o governo francês ofereceu-me cem mil francos por um dos meus inventos.

—Qual?

—O da roda.

—Dos engeitados?

—Não, senhor. E' uma roda movida por animais domesticos que até pode servir para fazer manteiga. Tenho mais engenhos. Tenho aparelhos, quasi todos mecanicos, tirados da minha cabeça, e que, se fossem desenvolvidos, dariam o maior impulso e brilhantismo ás industrias nacionais. Eu não peço nada. Para o bem da minha Patria dou tudo de graça, Só o que peço é que me tomem a sério. Se o povo português me tomar a sério, eu lhe garanto que hei de provar-lhe a consideração de que haja sido seu alvo.

—Porque não foi á Academia?

—Já lá estive. Primeiro fui á Sociedade de Geografia.

—Tinha saido...

—Devolveram me á Academia de Sciencias.

—Recambearam-no á procedencia...

—Entreguei ali 8 desenhos e 8 memorias descritivas. Mas...—oh! ilusão!...

—Oh loucura!...

—Oh vã quimera dos que ainda pensam em coisas serias. Recebido como o grande Elias pelo sr. Sá Nogueira, combinou-se que voltaria lá pela resposta, mas que, no entretanto, me devia entender com a Associação Industrial.

—A Industrial...

—Mandou me para a Comercial; a Comercial mandou-me para o «Diario de Noticias»; o «Diario de Noticias» mandou-me para o «Seculo»; o «Seculo» mandou-me para o «Diario de Lisboa»; falta agora que V. Ex.ª me mande para...

—Ora essa, sr. Simões! Esteja á sua vontade. Têm cá vindo outros peiores. A's vezes aparece aí cada maduro... As suas ideias, então, já estão bem amadurecidas?

—Acho que sim. A questão é elegerem-me. A primeira coisa que faço, se quizerem que

—Bravo, sr. Simões!

—Quere que lhe diga a razão imutavel porquê?

—Já agora...

Desenrolou um caderno de papel almaço garatujado, e foi lendo a folhear:

—Hum... hum... hum... e tal... e tal... e tal... Cá está. «Basta que eu escreva a minha lei eleitoral como eu a inventei para servir para me elegerem. Para me apeiar não será preciso revoluções. Apeio-me sósinho». E tal... e tal... hum... hum... hum... E' aqui. Ora oiça V. Ex.ª

—O quê?

—As condições.

* * *

O sr. Simões poz a sua candidatura a salvador, e nós ficamos sabendo que no seu programa figura este numero sensacional: pagar todas as dividas — as d'ele e as nossas — em 18 a 20 anos, mediante estas condições indispensaveis: não haver guerra internacional; não haver guerra civil; não haver gréves nem revoluções, e não haver tremores de terra.

—E dinheiro, meu caro Simões?

—Isso arranja-se depois. O que custa é ter o poder nas mãos e alterar a bandeira.

—O quê?! A bandeira tambem se reforma?!

—E' indispensavel, para ligar e cercar todas as crenças politicas dentro do regime.

—Conte, Conte! Isso é interessantissimo!

E o Simões contou:

—As 2 côres existentes de verde e encarnado ficarão tal se encontram, adicionando-se-lhes do lado da haste, sobre um fundo azul e branco, a corôa representativa da fundação do reino independente de Portugal.

—Que raio de mistura!

—Depois, ao lado, a cara da Republica com o barrete frigio encarnado, e, por baixo ou por cima, uma coroa feita de um turbante de onde nascem 7 pinheiros com figos e uvas nos troncos.

—Areia e vinhatico, no simbolismo...?

—Não senhor. E' para representar a abundancia.

—Não mete peras?

—Não é preciso. Basta o figo para dar a nota. Parece uma fantasia? Parece um fenomeno? Pois eu garanto que ha-de ser uma genial realidade. Ah!... já me esquecia...

E concluiu, textualmente:

—Além disso a bandeira terá uma grande serpente em amarelo, cujo rabo fica debaixo do escudo; e ela vai dar volta, de baixo para cima, ás três corôas...

—Faz o cêrco...

—E estende o corpo até passar sobre as folhas do carvalho, abrindo a boca e deitando a lingua de fora a vêr se agarra um navio á vela que navega sobre o verde representando o mar.

—E o navio tambem representa?

—E' o navio de que o grande Marquês de Pombal disse: «Vai-te Portugal, que vais á vela!»

* * *

Não podemos afirmar se o homem está maluco; mas podemos garantir aos leitores, sob palavra de honra, que a entrevista é autentica e que o inventor, sr. Augusto Ferreira Simões, se alguem o inventou, foi ele exclusivamente o autor do delito.

Aprigio Mafra

'Stá na moda, no bom tom
Dar ás visitas BEM-BOM.

Pelos teatros

O tenor Lapelleterie

Realisa-se hoje no Casino de Sintra o ultimo dos quatro concertos para que foi contratado o ilustre tenor René Lapelleterie, que tem conquistado o maior agrado e despertado o mais vibrante entusiasmo.

Findo o concerto, e como de costume, partirá de Cin-

TENOR LAPELLETERIE

tra para Lisboa um comboio que transportará as pessoas que residem na capital.

A festa de hoje, no Casino de Sintra vai, decerto, deixar os mais saudosas recordações entre as pessoas que tiverem o grato prazer de a ela assistirem.

Um incidente

O ilustre jornalista e brilhante homem de teatro, que é José Sarmento, comissario adjunto ao governo no Teatro Nacional, vai apresentar—informa o «Diario de Noticias» — o seu pedido de demissão em virtude dum incidente, que imoticava com a dignidade do seu cargo, sucedido no funeral de José Ricardo.

Esperamos que as estancias oficiais aclarem rapidamente o incidente mencionado, de maneira que a José Sarmento seja prestada a homenagem que merece, já pela obra que tem realisada em favor do nosso primeiro teatro, já porque é alguem que deve apenas ao seu trabalho o justo logar que ha muito alcançou nas letras portuguesas.

Atrás do reposteiro

Do popular e querido actor Carlos Leal recebemos uma interessantissima carta em que, relembrando a figura do grande actor José Ricardo, evoca a noite de profunda saudade que passou junto do cadaver, razão porque se encontrava muito doente e não poude, por isso comparecer no funeral.

—Regressou do Brasil, depois de haver cumprido o seu contrato com a empreza José Loureiro, o actor Joaquim Prata.

—Pela empreza Conceição Silva foi contratado para o Trindade, epoca de inverno, o acter Guilherme Caupeurs, que fez a sua estreia como artista na companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

—Reinaldo Varela, João Maria dos Anjos, Armando Barata e Pedro de Araujo, valiosos elementos da «Canção Nacional», tomam parte na II festa do fado. Os bilhetes podem desde já ser marcados na Casa Damião, Chiado.

—O actor Henrique Alves representou no funeral de José Ricardo os jornalistas do Porto srs. Mario de Figueiredo e Marcos Guedes.

—Estreiou se ontem no Foz a bailarina Terezita Nacional, anunciando-se para amanhã a despedida do dueto Bery Fray, e a reaparição da actriz Tina Coelho, a eximia cantadora de fados.

—Entrou hoje em ensaios no teatro Maria Victoria, para ser incluida na revista «Rataplan!» o numero novo «O bicho da Serra de Cintra».

—Foram prorrogados no Alhambra por alguns dias os contractos das artistas Carmen Granados e Marina Laura, esperando-se para breve duas estreias.

—Não se confirma que o actor Jorge Grave tivesse fechado contracto para a companhia Alves da Cunha.

—Terminou ontem os seus espectaculos no teatro Avenida, estreando-se hoje em Setubal, a nova companhia de declamação, que ali dará três espectaculos, seguindo depois para Evora.

—Chaby Pinheiro tem concluido o elenco artistico da sua companhia, com destino a uma larga «tournée» de Outubro em diante.

—Os escritores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa têm já concluida a sua farça «Uma velha que tinha um gato», com destino á companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

—No proximo inverno, o maestro do Trindade será o professor Wenceslau Pin'

Teatro Salão Foz
2.ª apresentação da bailarina
TERESITA NACIONAL
ALEXANDRE DE AZEVEDO
Penultima apresentação do duetto
BERY-FREY
FINA KARENNE

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE - A'S 8 3/4 - HOJE
O PRINCIPE ENCANTADOR
A casa solarenga
A SERRA DA ARRABIDA
Elegancias parisienses — Pencudo encontra uma perola

UMA MEDIDA PREVIDENTE

VAE
garantir-se
o futuro
dos nossos bombeiros
em caso de sinistro

Um encontro com o bombeiro voluntario e antigo presidente da direcção dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, sr. Carlos Moniz, proporcionou-nos uma conversa sobre os serviços de salvação publica. Trata-se dum dialogo com um bombeiro experimentado, que não necessita de adjectivos para se impor á consideração do publico, visto os seus serviços prestados aos municipes serem sobejamente conhecidos.

—Quais os comandantes de bombeiros municipais que mais têm desenvolvido os serviços de incendios?

—Relembro, com entusiasmo, a obra de Augusto Ferreira, Lino Silva, Craveiro Lopes, Carlos Parente e o do actual comandante interino Rodrigues Alves.

—Qual a reorganisação dos serviços de bombeiros que mais satisfaz?

—A iniciada pela Camara Municipal, que conseguiu dotar a corporação de salvação publica com esplendido material de combate de incendios.

—O actual comandante interino dos bombeiros tambem tem simpatia?

—E' trabalhador, activo e inteligente. A instrução do bombeiro mereceu-lhe uma especial atenção, de forma a que ele possa bem desempenhar o seu papel de filantropia em favor do seu semelhante.

—Mas o bombeiro está mal pago?

—Eis um dos assuntos que mais tem preocupado o tenente Rodrigues Alves.

—Os avisadores telefonicos foram um melhoramento importante...

—Este serviço está a cargo de um dos mais distintos funcionarios da corporação, cuja obra está prestes a ficar concluida.

—Mas o bombeiro tem a sua vida assegurada em caso de sinistro?

—Por emquanto não. No entanto, conto que o pessoal dos serviços de incendios terá muito em breve assegurado o seu futuro em caso de sinistro: reforma, hospitalização, assistencia medica para as suas familias e até a constituição de fundos de sobrevivencia com caracter de seguro de vida.

—Como conseguir isso?

—Tudo se pode fazer dentro da actual caixa de aposentações, onde os interessados terão os seus representantes, na direcção da mesma.

—E as receitas para satisfazer essas aspirações?

—São faceis de adquirir, não só por contribuição indirecta imposta aos interessados, como possivelmente por um acôrdo com as sociedades seguradoras, além do auxilio do municipio.

—E a forma de meter ombros a essa empreza?

—E' preciso apenas boa vontade e persistencia.

Voltejando
Novo e original FOX-TROT, por J. CRUZ.
A' venda em todas as :: casas de musica ::

Palace Hotel do Bussaco
Novas instalações modelares e de luxo
Almoços e Jantares concerto
Pensão completa desde ESCUDOS 50$00
Informações e reserva de aposentos em Lisboa
Hotel de l'Europe, Hotel Metropole, Francfort
Hotel e Rocio, 108, 2.º

A SITUAÇAO POLITICA

4 ministros
do actual governo
estão contra
O CHEFE DO ESTADO?
perguntará no Parlamento
o deputado José Domingues dos Santos

O sr. Antonio Maria da Silva almoçou ontêm com os ministros do governo anterior — no Monte Estoril. As notas intimas e pitorescas da refeição, reproduzidas no nosso jornal, tem levantado alguns comentarios politicos.

Ouvimos hoje o sr. dr. José Domingues dos Santos. O chefe do novo agrupamento do P. R. P., que fala sempre claro e com desassombro, sem que o jornalista tenha de lhe emprestar ideias, como sucede a muitos parlamentares em evidencia, celebres pela sua gaguez proverbial — fez-nos as seguintes declarações:

JOSE DOMINGUES DOS SANTOS

—Não demos o nosso apoio ao governo do sr. dr. Domingues Pereira...

—Então?

—Aguardamos a declaração ministerial.

—Que será como todas as outras...

—Ha um facto que precisa de uma explicação imediata. Segue o governo a politica do anterior, como ontem o declararam quatro ministros?

—Se assim fôr?

—Guerra aberta. De resto, não se compreende que haja membros do governo que apoiem aquela passagem do discurso do sr. Filemon de Almeida, que se refere ao Chefe do Estado.

—«Depois do infeliz telegrama de Belem o sr. Antonio Maria e nós temos de ir até o fim.»

—Exactamente. Dizem-me que o vinho Lago Cerqueira é bom, mas isso não impede os oradores de serem prudentes e os ouvintes de se lembrarem do respeito que devem ao Chefe do Estado, quando ele lhes deu a sua confiança. Tudo isto tem de ser explicado na Camara.

—Só isso?

—Queremos saber tambem quais os parlamentares que estão ao lado dos Bancos. As palavras do sr. Torres Garcia não me admiram. A proposito: ainda me recordo quando o sr. Torres Garcia foi ao *Mundo*, com uma nota escrita pelo seu punho, na qual se anunciava uma *tournée* de propaganda pela provincia, no sentido de esclarecer a situação *ilogica* do governo Rodrigues Gaspar. Dias depois era ministro do sr. Rodrigues Gaspar...

—Vai dizer isso na Camara?

—Pedirei explicações. O sr. dr. Domingos Pereira terá que esclarecer a situação dos quatro ministros que se colocaram desde ontem contra o Chefe do Estado. Poderá ele negar o facto?

—O governo manter-se-ha?

—Não sei. A sua organisação tem um erro fundamental. O sr. Domingos Pereira devia formar governo como presidente da Camara dos Deputados e não como membro do Directorio. Mesmo que queira — não pode fazer uma politica simpatica, que lhe seria favoravel sob todos os pontos de vista.

—A crise politica resolver-se-ha com a dissolução, que o Chefe do Estado recuza a todos os partidos?

—O sr. presidente da Republica não negou ainda a ninguem a dissolução. O que não pode, como tem dito, é encara-la sem primeiro se aprovarem os orçamentos.

—Crê que o sr. Antonio Maria da Silva abandona a politica?

—Retirar-se-ha da que tem seguido, possivelmente, para entrar n'outra.

O INTERCAMBIO LITERARIO

VAE
brevemente
ao Brasil
uma senhora portugueza
fazer conferencias

Num modesto, mas bonito «appartement» da rua de Arroios fomos encontrar, entre livros, papeis cheios de apontamentos e muitas flôres, a sr.ª D. Laura Marinho Sobral.

—E' certo ir ao Brasil fazer uma serie de conferencias?

—Como o soube? Como entre nós tudo se sabe, não é verdade?

—Fazia então misterio do seu plano?

—Até certo ponto, tenho feito segredo desse meu designio, mas, uma vez que, da parte da imprensa vem procurar-me, não posso eximir-me a dizer-lhe que sim. Realmente, tenciono ir, o mais breve que me seja possivel, ao Rio, e talvez a S. Paulo, fazer uma serie de conferencias.

LAURA SOBRAL

—Sobre feminismo?

—Não. As minhas conferencias serão de um aspecto mais largo, historico, filosofico, social...

—Tem já o seu plano, decerto?

—Claro. Nada poderia fazer sem um plano.

E, como lhe observássemos que os tempos correm avêssos a tentativas arrojadas, ponderando que toda a America se está fechando ao convivio latino, e que o Brasil desdenha dos nossos livros, D. Laura Marinho Sobral sorri-se e explica-nos:

—Por isso mesmo é que devo ir. Sempre gostei dos passos dificeis. Agora, que a situação é mais ardua, é que o assunto mais me tenta. De resto, não vou propriamente falar ao Brasil mas á «Colonia Portuguesa».

—E quando tenciona partir?

—Isso depende... Bem vê... Tenho já entendimentos com o Rio, espero respostas e uma pessoa conhecedora do meio literario, que dali deve chegar dentro de breves dias, pessoa que, a instancias de um dos meus melhores amigos, preparará, no seu regresso, com maior segurança o terreno.

—E tenciona fazer, entre nós, alguma conferencia, antes de partir?

—Sim, é provavel que, dias antes de partir, dê em publico, por meio duma palestra, um resumo das minhas conferencias patrioticas.

—Será uma bela despedida!

—Bela, não sei. O que posso garantir-lhe é que será sincera e desinteressada.

Um banquete

Mr. Eugéne Pralon, ilustre ministro da França, ofereceu hoje na Legação, um almoço ao distinto capitão aviador francês Weiss e ao ajudante Tournois.

Assistiram os srs. major Cifka Duarte, capitão Cunha e Almeida, tenente Paixão, comandante Millet, Mr. Doire, Mr. Bradier, secretario da legação, Albert Oulmann e Pedro Bordallo, director da Agencia Havas.

Iniciou os brindes Mr. Pralon, que felicitou o capitão Weiss, pela admiravel viagem a Portugal, saudando em seguida a aviação portuguesa, e relembrando os feitos de Sacadura e Gago Coutinho, Sarmento Beires e Brito Pais.

O capitão Weiss agradeceu, saudando os seus camaradas portuguêses que ele tem prazer em receber no campo de Le Bourget, para relembrar os feitos de armas que os dois exercitos tiveram durante a guerra em que as bandeiras das duas nações se bateram pela mesma causa.

O comandante Cifka Duarte agradeceu, em nome da Aviação Portuguesa, brindando pelos seus colegas franceses e levantando um viva a França.

Um incidente

A proposito dum artigo hoje publicado no «Mundo», em que se recorda um incidente havido na sala da redacção daquele jornal, pede-nos o distinto jornalista sr. Bourbon e Menezes a publicação da seguinte carta que lhe foi dirigida pelo sr. Candido Malheiro:

Meu caro amigo Bourbon.—Por conhecer o facto, não tenho duvidas em declarar que, após uma frase mais viva soltada pelo sr. Felix Correia, redactor do «Diario de Lisboa», na ocasião em que foi á redacção do «Mundo» reclamar de um «Eco» publicado neste jornal, e quando ali se levantou certo borborinho em virtude dessa frase, o meu amigo se retirou para o primeiro andar, no manifesto intuito de se defrontar com o sr. Felix Correia, o que foi obstado por meu filho José Malheiro, redactor do «Mundo», que, percebendo o seu intuito, conseguiu, á viva força, encerra-lo num gabinete e fechar-lhe a porta. Como meu filho está ausente de Lisboa faço esta declaração, que ele já ámanhã confirmará.—Mande sempre o seu amigo certo *Candido Antonio Garcia Malheiro*, ex chefe da revisão do «Mundo».

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

DEPURATIVO do Dr MANGET

Sangue viciado
Varizes Escrofulas
Má circulação
Doenças da pele
Sifilis
Doenças das senhoras

Établissements Chatelain
14 Grandes Premios
2, Rue de Valenciennes — PARIS
Em todas as Pharmacias

O sangue carregado de detritos, de humores e de impurezas, circula mal, favorecendo assim a congestão, provocando edemas, varizes, hemorroidas e produzindo numerosas doenças da pele assim como furunculos e antrazes.

O **DEPURATIVO do Dr MANGET** limpa o sangue, vivifica e sanea o organismo. Evita assim as doenças devidas a uma combustão incompleta dos alimentos, ás perturbações da nutrição (obesidade, asmas, emphisema, gota, reumatismo, nevralgias tenazes, neurastenia, insomnias, vertigens, sciatica, lumbago, cefaleia).

Excitando todos os emonctorios, faz sahir do organismo os fermentos e leveduras pathologicas que se traduzem por: acné, eczema, psoriasis, sycosis, etc. Estas doenças desaparecem uma vez que o sangue foi purificado. Na mulher regularisa a circulação do sangue, facilita os menstruos, prepara a formação e evita as perturbações da edade critica.

Clarcia a tez e assegura a beleza da pele.

Constitue um excelente tratamento da arterio-esclerose abaixando a tensão arterial, diminuindo a viscosidade sanguinea e facilitando o trabalho dos rins.

O **DEPURATIVO do Dr MANGET** repousa o figado e os rins.

A. Vincent, Lda. — Concessionarios para Portugal e Colonias, R. Ivens, 56 — Telefone n.º 1858 C.

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876
Hoje ás **20-45** e **22-45**
A desopilante revista
Ditosa Patria

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
HOJE ás **8-30** e **10-30**
A aplaudidissima revista
RATAPLAN!
em duas sessões

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
Empresa Conceição Silva, Ltd.
Hoje ás 21-30 **Hoje**
A CIDADE
ONDE A GENTE SE ABORRECE
Ampliada com o episodio **A' BICA**

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
HOJE, ás 21-30 em ponto
O LEAO DA ESTRELA
Protogonista, **CHABY PINHEIRO**
Extraordinario exito de gargalhada

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

RHODINE

Dôres — Reumatismos
Lombago — Torticolo
Nevralgias — Enxaquecas
Dôres de cabeça
Dôres de dentes — Insomnias
Resfriamentos
Constipações — Gripe
Cansaço — Estado febril

Exigir a Marca "RHODINE"
garantia de pureza e eficacia.
280-6

MOBILIAS
Boa construção e esmerado acabamento
Antiga Marcenaria do Desterro
Preços reduzidos durante o mês de Junho, para o efeito de balanço
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Fabricante profissional
Oficinas e salão de vendas
17 a 29 - Rua do Desterro - 17 a 29

Casino de Sintra
Concertos extraordinarios pelo notavel tenor
René Lapelletrie
na noite de 5 de agosto, ás 21 h. e 30.
Preços:—Avulso, 20$00; assinaturas para as 4 noites, 50$00.
Sexteto de excelentes artistas dirigido por **René Bohet.**

1.º Jantar de Gala com varios atractivos, sabado, 8 de agosto. Aberta desde já inscrição para a marcação de mesas.

Serviço permanente de «restaurant» com sexteto e «Bar».—Bailes e diversões todas as noites.

PARTEIRA
Judite Silva
Rua dos Fanqueiros, 96, 4.º
CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa.

A'S SENHORAS
Usem o «Créme Rolal»
O produto mais perfeito para a higiene e conservação da pele.
A' venda em todas as drogarias.
Deposito: R. da Rosa, 269

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — **RUA DO OURO, 18, 24**
PORTO — **PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29**

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

Pinto, Sancho & C.ª L.DA

A firma Pinto, Sancho & C.ª Lt.ª, com escriptorio n'esta cidade, na travessa do Corpo Santo, 21, 1.º andar, participa aos Ex.mos clientes e amigos e ao comercio em geral que tendo o Ex.mo Sr. **Eduardo José Sancho,** pela necessidade de passar a dirigir negocios seus, deixado de ser procurador d'esta firma—logar em que sempre se houve com toda a competencia, zelo e honestidade—foi eleito para seu gerente o Ex.mo Sr. **Antonio Miranda do Amaral.**

Os unicos socios da firma Pinto, Sancho & C.ª Lt.ª

Em representação do fallecido socio Custodio José Sancho, a viuva inventariante e cabeça do casal Teresa Dias Sancho, o outro socio Joaquim José Sancho.

(Segue o reconhecimento).

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
FAZEM-SE DIVERSOS
FABRICAÇÃO GARANTIDA
182—RUA DA ROSA—190

Sortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

Carlos Mendes Loureiro
FALECEU

A Empreza de Pastelarias e Restaurantes, Ltda, (a GARRETT) participa dolorosamente o falecimento do seu socio e gerente, e que o seu funeral se realisa em 6 do corrente, pelas 11 horas, saindo o prestito funebre da egreja de Nossa Senhora da Encarnação para o cemiterio dos Prazeres.

CARPINTARIA
CONSTRUÇÕES CIVIS
MARCENARIA

Rua 24 de Julho, 8 **A ACTIVA** **Tel. C. 3474-1601**

MARCENARIA
CARPINTARIA CIVIL
E NAVAL

Victor Gonçalves, L.da
Changeurs - cambistas - changers
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 ..... LISBOA

ESTRANGEIRO

Touriste
Guia Planta de Lisboa
Deposito: Livraria Ferin

LONDRES

SE a Alemanha entrasse na S. D. N.

o pacto de segurança

era já concluido em principio ...

LONDRES, 5

O «Observer» diz hoje que um dos problemas que Briand, na sua proxima visita a Londres, discutirá com Chamberlain, será a admissão da Alemanha na S. D. N.

Se a Alemanha, diz este jornal, não pode executar a tempo os seus compromissos para ser admitida no proximo mês na S. D. N., resultará daí, normalmente, um prazo de doze meses, que retardará outro tanto tempo as negociações sôbre o pacto.

Para obstar a este inconveniente, o jornal sugere dois metodos:

1.º A Alemanha seria eleita, em principio, no proximo mês, mas a sua admissão só seria considerada efectiva quando a Alemanha tivesse realizado as condições requeridas.

2.º O pacto seria concluido em principio, só entrando em vigor depois da entrada da Alemanha na S. D. N.

Como quere que seja, conclui o jornal, a questão complica-se ainda mais com o facto de a Alemanha não ter feito saber se deseja ou não entrar na S. D. N., a não ser nas bases que levantaram controversias em Paris.—(H.)

Um «ultimatum»

ao corpo diplomatico de Shanghai

LONDRES, 5

O ministro chinês dos negocios estrangeiros dirigiu ao ministro de Italia, decano do corpo diplomatico, uma nota onde diz:

«Passou já uma quinzena depois do envio da minha nota ultima, na qual pedia, pessoalmente, a Vossa Excelencia e aos outros ministros das potencias interessadas, que fosse fixada a data das negociações acerca do incidente de Shanghai. De novo peço a Vossa Excelencia que os ministros das potencias me digam o mais depressa possivel a data da abertura das negociações. Depois do envio desta nota, conclui o ministro chinês, a responsabilidade de qualquer complicação resultante da demora, pertencerá aqueles que dessa demora são a causa.» —(H.)

LONDRES, 5

O conhecido economista Keynes casou-se ontem com a dançarina russa Lydia Lopokowa.—(L.)

A's Senhoras
Capsulas para tratamentos varios, aqo mia, etc., sistema estrangeiro
Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

Chá (U. K.) Ukâ
O melhor entre os melhores
ALIMENTAR
AROMATICO
DIGESTIVO
A' venda nos bons estabelecimentos e nomeadamente nas casas Jeronimo Martins, Arcada de Ouro, Pastelaria Ferrari, etc., etc.
DEPOSITARIOS
GILMAN & GILBERT, LTD.
LISBOA—R. da Prata, 130
PORTO—R. do Heroismo, 346

MARROCOS

Abd-el-Krim procura demorar AS NEGOCIAÇOES

até que o inverno torne impossivel

a ofensiva franceza

A caracteristica principal da actual situação em Marrocos é espectativa por parte dos rifenhos, registando apenas, aqui e ali, pequenos incidentes de guerra sem graves consequencias.

E o facto de, apesar das suas tentativas de intimidação, Abd-el-Krim não ter conseguido, após a defecção dos Tsoul e dos Brane, o levantamento de novas tribus, sobretudo no oeste, onde os seus agentes fazem uma propaganda vigorosa, é um mau sintoma para o chefe rifenho. Não quere isto, porém, dizer que esteja afastado o perigo de combates e de ataques como o do posto de Aïu-Bou-Aïssa, pois a extensão do «front» não permite estabelecer com os efectivos disponiveis, uma barreira inexpugnavel. Entretanto, os pequenos «blockhaus» são, agora, em numero muito reduzido, ao passo que aumenta o numero e a mobilidade dos grupos moveis.

Feitas estas reservas, admitamos que o inimigo, entrincheirado sobre posições arranjadas sabiamente sobre a direcção de chefes experimentados que fizeram à sua aprendisagem na Europa, espera o desenvolvimento da nossa ofensiva. Qual será, a dar-se esse caso, o seu plano de conjunto?

Em certo conselho de guerra, realizado em Adjir, em Junho, durante o qual Abd-el-Krim fez admitir a tese do «front» permanente, destinado a reter em Marrocos não só todas as disponibilidades francesas do norte de Africa, sobre cujo emprêgo se baseia em parte a nossa mobilisação nacional, mas ainda os reforços enviados pela metropole.

Atendendo a esse projecto que lhe foi, decerto, ditado por representantes estrangeiros, a presente atitude do chefe rifenho, vê-se claramente orientada para a sua adaptação ás necessidades duma causa muito maior que a das doze tribus inicialmente agrupadas á roda de Beni-Onariagel. Estamos, actualmente, em frente do perigo da campanha de inverno; com um pouco de clarividencia, esse perigo pode ser evitado.

Abd-el-Krim sabe muito bem que as nossas possibilidades de ofensiva não são imediatas por varias rasões. Vendo as coisas pelo melhor lado, as nossas tropas poderiam iniciar a sua ofensiva no fim de agosto. Ora, em 15 de outubro começa, em Marrocos, a estação das chuvas, que tornará intransitaveis todos os caminhos para o norte.

O inimigo, que não o ignora, conta, metendo-se nas suas montanhas, demorar a solução até essa epoca. Em que condições ficaremos, então, em pleno inverno? Está previsto o alojamento dos reforços? Parece-nos dificil. Ha complicações onerosas, cujas consequencias politicas e morais são dificeis de determinar.

Seria necessario—asseguram os tecnicos—que a colaboração franco-espanhola seja efectiva e nos conduza a uma ofensiva rapida e decisiva.

As forças espanholas

tomam de assalto uma posição inimiga

MADRID, 5.—Comunicado oficial de Marrocos:

Os ajuntamentos inimigos descobertos entre Bulharil e Tauriat foram atacados por uma coluna que depois de um brilhante combate tomou de assalto a posição ocupada pelo inimigo, que foi posto em debandada.

Os espanhois tiveram uns 50 mortos e feridos, quasi todos indigenas.

No sector ocidental, a operação de policia anunciada foi efectuada, tendo os espanhois uma dezena de mortos e feridos, dos quais trez brancos.—(H.)

AÇOS DE MOLAS ⁞ AÇOS PARA CALÇAR
DOS MELHORES FABRICANTES DO MUNDO
ANTONIO BRAGA
Rua da Rosa, 181 a 185

AGUA DA CURÍA
Artritismo, Reumatismo, gota, sciatica, obesidade, pele, etc. — Albumina e areias — Rins e bexiga — Acido urico
Pedidos ao agente em Lisboa
M. Loureiro—Salão de Sport
TELEFONE C. 2208
RUA AUREA, 190---LISBOA

BRAZIL

NA inauguração

duma escola

com o nome de Portugal

entrará a Tuna Academica Coimbrã

RIO DE JANEIRO, 5.

O Director Geral de Instrução, barão Ramiz Galvão, resolveu, de acordo com o Ministro respectivo, dar o nome de «Portugal» a uma escola publica do Rio.

Para isso, realizar-se-ha uma grande solenidade no dia 5 de setembro, a que assistirão as autoridades brasileiras, representações das colectividades portuguesas e muitos convidados. A Tuna Academica de Coimbra tomará parte na cerimonia.—(A.)

A invenção

duma maquina de escrever musica

RIO DE JANEIRO, 5.

O padre Joaquim Lucas, da paroquia de Engenho Velho, inventor duma maqbina de escrever musica, a que poz o nome de «Malografo», tem recebido muitas propostas alemãs e norte-americanas para a acquisição do seu invento, tendo-as recusado todas por não estar disposto a transferir para o estrangeiro o resultado do seu estudo.—(A.)

O testamento

do jornalista João Lage

RIO DE JANEIRO, 5

Foi aberto o testamento de João Lage. O grande jornalista fez muitos legados a estranhos, inclusivé aos seus companheiros de «O Paiz», a associações de beneficencia e a colectividades portuguesas.—(A.)

RIO DE JANEIRO, 5

Um individuo chamado Moisés de Brito, falsificando promissorias, roubou 300 contos ao conhecido industrial Henrique Lage, director da Companhia de Navegação Costeira.—(A.)

RIO DE JANEIRO, 5

O Instituto Paulista de Defeza Permanente do Café está estudando a possibilidade da realisação dum emprestimo exterior, não estando, porém, até agora nada resolvido de definitivo.—(A.)

Policlinica do Conde Barão
Largo do Conde Barão, 12, 1.º
Telef. Central 1902
Doenças dos olhos — A's 5 horas — Dr. Medeiros d'Almeida.
Doenças dos rins e vias urinarias — A's 3 horas — Dr. Bastos Lopes.
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta — A's 2 horas — Dr. Manuel Pinto.
Cirurgia geral — Operações — A's 2 1|2 horas — Dr. Santos Paiva.
Clinica geral — A's 2 horas — Dr. Fernando Cabral.
Doenças das senhoras — A's 5 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.
Analises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.
Doenças venereas e sifiliticas — A's 2 horas — Dr. Oliveira Zuquet.
Doenças de boca e dentes — A's 3 horas — Brum da Silveira.
Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — Doenças nervosas, electroterapia — A's 4 horas — Dr. Luiz Pacheco.
Raios X — Massagens

PIANOS
e
Autopianos
Rolos
Musicas

Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Londres, cheque	97$00	97$25
* Paris	—	$95
*/Madrid	—	2$90
*/New-York	—	20$05
* Amsterdam	—	8$06
*/Suiça	—	3$90

Segunda edição

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
*/Bruxelas	—	$92
*/Italia	—	$73
*/Praga	—	$60
*/Brazil	—	2$40
Libra esterlina	98$00	100$00
Agio do ouro	—	—

A TARDE PARLAMENTAR

A apresentação

do governo Domingos Pereira

Quando, por volta das 15,30 — o relogio da Camara dos Deputados anda sempre em crise de acerto — se disse no trono presidencial que estava aberta a sessão, as galerias destinadas aos espectadores encheram-se com modos de barafunda.

Os continuos abriram as portinholas como quem tem medo de invasão; o publico esguichou-se pela fresta, como se a Guarda Republicana o acossasse á coronhada; a maior parte instalou-se sem ter tempo de tirar o chapeu; e, daí a bocadinho ouviu se o vozear tipico dos desbarretamentos:

—Péu! Péu! Péu!

Os distraidos foram obedecendo; foram transformando os «péus» em abanadores; um homem estatelou se e rogou uma praga; o sr. Jaime de Sousa fez meia duzia de gestos, convencido de que discursava; o sr. Tavares de Carvalho pediu não sei o quê que o sr. Correia Barreto lhe insinuou; e, como quer que o sr. Alberto Vidal declarasse iniciados os trabalhos, desatou toda a gente a não fazer nada.

Nada, não! Conversou se animadamente, em tom de borborinho; os senhores deputados deram em andar numa roda viva; a cumprimentarem-se uns aos outros; a combinarem coisas que os interessam; a discutirem acontecimentos da politica; enquanto os continuos corriam atarefadissimos a transmitir ordens como os do Coliseu em noite de estreia, e o povo se enchia de impaciencia, como quem pagou bilhete para um espectaculo que nunca mais começa.

Um calor de rachar. Atmosfera abafadiça, com cheiro a multidão, e com o ramerrão da estopada a enervar as gentes:

—Vai ler-se! — Está em discussão! — Ninguem pede a palavra, vai votar-se! —Os senhores deputados que aprovam, tenham a bondade de se levantar!

Como está toda a gente levantada, a presidencia conclue que está aprovado, e toda a gente se ri ás escancaras.

Emfim, o scenario que costuma servir de preambulo aos espectaculos de sensação.

Encheu-se a casa á cunha; veiu o sr. conselheiro Aires de Ornelas, e aguarda-se a entrada do governo como se fôsse a estreia de uma companhia de variedades, com os indispensaveis lutadores de fama para a emoção das brigas.

Vamos lá a ver quem fica por baixo. O que se averigua desde já, a olho nú, é que os senhores parlamentares estão todos a rir de vontade, como se isto fôsse uma pandega de estucha.

* * *

O sr. Francisco Cruz pediu a atenção da Camara, em voz grossa, mas, de nada lhe valeu. Chegou o sr. Vitorino Guimarães, das aguas, com o casaco abotoadissimo e uma beata entalada na comissura; fizeram-lhe muitos cumprimentos; disseram-se gracejos varios; e, prosseguiu, em tom maior, o rugido do falatorio.

* * *

4,30. Vai numa hora que estão aqui cerca de 800 pessoas a perder tempo.

Uma voz da esquerda:

—Sr. presidente: e se nós fossemos todos trabalhar...

* * *

Chegou o governo. Entrou em bicha, como é costume. Deram a palavra ao sr. presidente do ministerio. O sr. dr. Domingos Pereira tomou-a logo para ler a declaração ministerial do estilo; o sr. Sá Pereira fez «schiu», a pedir ordem; e teve-se conhecimento das intenconstam do depoimento que noutro logar publicamos.

* * *

Agora, o serviço dos discursos.

Primeiro, o sr. Rodrigues Gaspar, em nome do P. R. P.. Algumas frases, no elogio do ministerio:

—As altas qualidades do sr. dr. Domingos Pereira são garantia de que o novo governo ha de satisfazer as necessidades da Republica, no actual momento. Fazem parte do gabinete individualidades que de ha muito se impuzeram ao nosso respeito; figuras que todos nós conhecemos pela sua inteligencia e pela sua dedicação á Republica. Esperamos que continuarão merecendo o respeito que lhes devemos.

Referindo-se ao exercito:

—Tendo viajado alguma coisa, tenho-me encontrado com varios oficiais estrangeiros, e posso afirmar que os nossos em nada são inferiores aos das maiores potencias de lá de fora. O que é pena, o que constrange, é que os nossos se vejam a braços com dificuldades enormes nas actuais condições da vida, com filhos para educar, que muitas vezes nem podem sair de casa; sem o preciso, emfim, para viverem uma existencia atenuada de privações. E, no emtanto, a gente vê como eles, nas horas amargas, se portam com disciplina e com galhardia, nem por sombras se reflectindo a sua miseravel situação na defeza intemerata da Republica.

* * *

Cunha Leal, a seguir. Grande movimento de curiosidade. Sussurro a preparar um silencio que todos querem. Cumprimentos cordiais do orador, com a declaração prévia de que a atitude a tomar pelo Partido Nacionalista não implica com a consideração pessoal de cada um dos novos ministros:

—Ficaria de mal com a minha consciencia se não significasse aos membros do actual ministerio a estima pessoal que eles nos merecem, especialisando nas nossas homenagens, o sr. dr. Domingos Pereira, meu velho e bom amigo, o sr. dr. Nuno Simões e o sr. dr. Vasco Borges. Não me refiro individualmente aos restantes porque não tenho a honra de me contar no numero dos seus amigos.

A primeira tirada:

—Chegou a hora que nós, os politicos, costumamos considerar como grave para a Patria Portuguesa. E' velha a frase. Já quando eu era rapaz e frequentava, nos tempos da monarquia, o parlamento, me enchia de fé ouvindo bradar aos politicos de então que a Patria estava em perigo e que era preciso proclamar a Republica.

«E' certo que atravez da Republica, em nada se concorreu para melhorar as condições da vida portuguesa, mas eu nem por isso deixarei de afirmar a convicção em que estou de que, se a hora é dificil e se os homens são mesquinhos, nem por isso a Patria deixará de salvar-se dos perigos que a ameaçam.

Com entusiasmo:

—Os pigmeus saberão alçar-se, na hora propria, á altura de gigantes! A Patria é imortal, é uma herança do Passado; e nós temos de lega-la firme e independente aos nossos filhos.

Uma frase que deu risos:

—Tenho a honra de ter sido aluno de português do sr. presidente da Camara. Se mais português não sei, é porque ele não m'o ensinou!

* * *

O sr. Cunha Leal refere-se ás declarações dos ministros que fazem parte do novo governo e que o foram já do governo anterior, declarações feitas ontem no almoço do Estoril, e das quais se pode deduzir que aqueles ministros estão no governo para seguir a politica do anterior gabinete. E o orador lê trechos dos discursos pronunciados no citado almoço, e insertos no «Diario de Noticias» de hoje.

—Quem eu vejo ali sentado—exclama o orador—não é o sr. dr. Domingos Pereira, mas o sr. Antonio Maria da Silva, que por um milagre de mascara fisica se encarnou na figura do antigo presidente da Camara dos Deputados.

E de dedução em dedução o «leader» nacionalista conclue que todo o gabinete é «bonzo», como pitorescamente afirma, enquanto a Camara ri a bom rir, «bonzo» tal qual o ministerio anterior.

O sr. Cunha Leal fez o elogio do sr. Domingos Pereira como presidente da Camara (apoiados gerais). E diz:

—Por isso mesmo nós não compreendiamos o sr. Domingos Pereira á frente de um governo partidario. Nós todos só compreendiamos o presidente da Camara dos Deputados —presidente de um governo de concentração. Mas um dia o sr. Domingos Pereira vai a Paris—e volta de lá mudado. Porquê? Porque houve a ameaça da renuncia presidencial. Mas que espectaculo é este de se ver o Chefe do Estado fazer a coacção sobre os politicos, impondo-lhe um governo, e um sacrificio de um politico, sob a ameaça de se ir embora?

E nesta ordem de ideias o sr. Cunha Leal se espraia, até que a certa altura diz que o sr. Domingos Pereira se encontrou indicado para ser Presidente da Republica, e que, por escrupulos pessoais, para evitar essa situação, preferiu ser chefe do governo á força...

Interrupção do chefe do Governo:

—Nunca me passou pela cabeça, em qualquer circunstancia ou hipotese, que eu pudesse vir a ser Presidente da Republica.

O sr. Cunha Leal:

—Nem eu afirmei isso. O que eu disse é que v. ex.ª, por escrupulos pessoais, sejam de que natureza fôrem, não tem o direito, para se defender, de enrodilhar mais a politica portuguesa. (Apoiados da direita).

E o sr. Cunha Leal prosseguindo, diz:

—Se todas as exterioridades indicam que este governo tem as mesmas caracteristicas do anterior, porque se assiste a este sacrificio de os «canhotos» e os accionistas irem agora amparar o actual gabinete, igual ao do sr. Antonio Maria da Silva, que aqueles derrubaram? Porquê este absurdo? A que altos destinos obedecem os grupos inimigos, implacavelmentê inimigos do anterior governo? Deixo a resposta á consciencia de V. Ex.as.

Explicou a razão porque os nacionalistas votaram com listas brancas na eleição presidencial, faz hoje já 2 anos; leu trechos de obras literarias do Chefe do Estado para justificar com pormenores a atitude politico do P. N.; houve risos, sorrisos e gestos de desacordo; e o orador exclamou:

—Desde então, nunca mais fomos chamados a constituir governo, exceto quando, certa vez, nos atraíram a uma cilada.

E contou:

—Foi-nos dado o poder. Certa noite, logo apoz, começou correndo que se preparava uma revolução, que se pretendia passar por cima do governo como se ele não existisse. Ocupámos as nossas posições para manter a ordem; e, quando estavamos cumprindo o nosso dever, apareceu o sr. presidente da Republica a fingir que desconfiava de que a revolta eramos nós proprios quem a tramava.

Aconteceu-nos o mesmo que aconteceu, agora, ao sr. Antonio Maria da Silva. Fomos alvo da mesma calunia, fomos victima da mesma cilada. Pedimos a dissolução—era o nosso direito, e era a maneira de provocar a definição de uma atitude. S. ex.ª negou-a,— era tambem o seu direito.

—Desde então, temos assistido a este espectaculo: Sai o sr. Alvaro de Castro, entra o sr. Rodrigues Gaspar; sai o sr. Rodrigues Gaspar, entra o sr. José Domingues dos Santos; sai o sr. José Domingues dos Santos, entra o sr. Victorino Guimarães; sai o sr. Victorino Guimarães, entra o sr. Antonio Maria da Silva; sai o sr. Antonio Maria da Silva, entra o sr. Domingos Pereira. Os nacionalistas, esses, foram votados ao ostracismo.

Uma afirmação que define a atitude do Partido:

—A vossa campanha, a campanha em que vamos empenhar-nos, basear-se ha toda na destituição do sr. Presidente da Republica! O sr. dr. Domingos Pereira, sendo um homem da confiança do Chefe do Estado, não pode contar com a nossa confiança para o governo da sua presidencia.

* * *

Falou depois o sr. Aires de Ornelas, «leader» monarquico, que cumprimentou por praxe de bom tom parlamentar o governo, tendo pedido licença para salientar o sr. Domingos Pereira — Presidente da Camara que merece as simpatias de todos — e do sr. Vieira da Rocha, seu antigo companheiro de Africa.

Disse que, tendo voltado do estrangeiro, verificára que o nosso dominio colonial não parece assegurado, o que atribue a erros de administração e não á falta de patriotismo. Declarou franca oposição a este governo.

* * *

O governo deve obter uma maioria parlamentar de cerca de 35 votos na votação, que não se realizará hoje.

A' CAMARA DOS DEPUTADOS

Começou hoje

o julgamento dos implicados

na falsificação dos bilhetes do Tesouro

Julgamento de sensação, com casa á cunha, no 2.º distrito criminal, 160 testemunhas, entre as quais vereadores, oficiais da Armada, do Exercito e da Guarda Republicana, professores, etc. Advogados são 10, notaveis figuras do fôro. A bancada destinada aos defensores é pequena para conter tão grande numero de advogados.

O juiz, dr. Sena Sarmento, tem á sua direita o delegado do ministerio publico dr. Lobo e Silva.

Trata-se do processo da falsificação dos Bilhetes de Tesouro. Respondem 12 reus. Os advogados vestem as togas e tiram de dentro das pastas varios codigos e livros.

Procede-se á chamada dos jurados.

O sr. Eduardo Vicente Dias declara que não pode tomar parte no julgamento, como jurado, porque é espanhol. Foi tomada em consideração a observação.

Está formado o juri. O delegado prescinde nesta altura do jurado José da Cunha, que já havia tomado o seu lugar, por se apresentar sem gravata nem colarinho...

Os advogados voltam-se para o dr. Ramada Curto e dizem-lhe, baixinho:

—Rompe fogo, agora, ó Ramada! Vá...

O dr. Ramada Curto ergue-se para protestar contra a recusa em questão depois do sorteio.

O juiz dá explicações e declara que, se o dr. Ramada Curto quizer, pode requerer...

* * *

Depois da leitura do processo, procedeu-se á identificação dos reus. Todos eles se recusam a responder ás preguntas feitas pelo juiz, com excepção de Alberto Fornelos.

O dr. Mario Monteiro extranha que não fôsse chamado ao tribunal o antigo ministro, sr. Portugal Durão, visto ele ter posto em circulação tanto dinheiro por meio duma chancela. A seguir alegou a autenticidade dos cheques que dizem ser falsos.

A audiencia continua.